

# A FEIRA DO AREIAL COMO ESPAÇO DE MANIFESTAÇÃO DA CULTURA POPULAR

GOMES, Ivalcir de Sousa  
(Discente Voluntário)  
SOARES, Carlos Eduardo P.  
(Discente Voluntário)  
SILVA, Rosemary Marinho da  
(Docente Orientadora)  
CCAIE/DSC/PROBEX

## RESUMO

Este texto pretende explicar sobre uma das atividades do Projeto EcoFeira Iandé<sup>1</sup>, que é realizado no Bairro do Areial em Mamanguape/PB. Tal projeto almeja fomentar a valorização da Cultura Popular Local - CPL e a inserção da mesma na feira do bairro proporcionando o desenvolvimento comunitário a partir de um processo de humanização, valorização, apropriação e pertença da feira livre aos seus moradores enquanto um espaço de troca, de memórias e manifestações das expressões culturais do bairro e do município.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura popular, desenvolvimento local e feira pública.

## INTRODUÇÃO

Quando se fala e se pensa em cultura popular inserida no meio de uma feira livre, logo surge uma questão: como a cultura popular pode ser instrumento de desenvolvimento comunitário a partir da feira pública, especialmente no bairro do Areial no município de Mamanguape?

Para melhor compreender o processo de valorização e visualização permanente da CPL buscando um possível desenvolvimento da comunidade tendo a feira como um significativo instrumento, será exposto um breve histórico desta feira, o conceito de cultura popular e algumas possibilidades/indicações de como a CPL pode contribuir para o desenvolvimento local a partir da Feira Pública do bairro do Areial trazendo o Projeto EcoFeira Iandé como um meio instigador deste processo.

### 1 A Feira Pública do bairro do Areial – desafios e contradições

A feira do bairro do Areial surge da iniciativa da Associação de Moradores do Bairro do Areial - AMBA no ano de 1994. Após 19 anos, a Feira acontece aos domingos e

---

<sup>1</sup> Do Tupi Guarani, que significa: de todas e de todas.

participam feirantes de vários bairros e de outros municípios. Os bancos, de péssima qualidade, são alugados às pessoas particulares e alojados de forma imprópria. Com isso, há uma frágil estrutura, precária higienização, exploração dos atravessadores sobre produtores, escasso aproveitamento das sobras de alimentos, ineficiente divulgação, ausência do poder público e de organização popular.

A AMBA inquieta com tal situação, a partir de conversas com professores e estudantes do Campus IV/UFPB e um diagnóstico realizado no bairro junto às lideranças locais, iniciou a elaboração de um projeto que mobilizasse feirantes e moradores do bairro na perspectiva de melhoria da Feira, a partir de troca de conhecimentos sobre a agricultura familiar, ecológica e solidária, para desfazer a ideia de que feirantes é apenas atravessador e não conhece o processo de produção dos alimentos que vende, como também a de que em espaços urbanos não é possível ação de aproveitamento de quintais e terrenos baldios para um plantio sem agrotóxico. Outra inquietação era a busca de proporcionar divulgação dos trabalhos e produtos realizados e exigir, de maneira organizada e sistemática, a partir da Rede de Apoio, envolvimento efetivo e eficaz do poder público com a comunidade e a Feira Pública. Assim nasceu o projeto Eco Feira Iandé, aprovado pelo Edital Oi Novos Brasis.

## **2 Cultura Popular – distancias e aproximações com a Feira Pública**

No movimento de resignificar a feira se percebe o valor da memória da cultura popular local. Como a feira estava abandonada, a cultura que se faz sem a grande divulgação das mídias sociais também estava. Pois, a realidade e características de um bairro periférico geralmente são a opressão a exclusão e a negação de direitos. Mas, a cultura popular local se revela como elemento riquíssimo que pode contribuir para uma mudança nesse cenário.

Ao entender cultura como criação humana intencional para responder as demandas que os aspectos biológicos não conseguem dar conta, “as capacidades intelectual e manual humanas possibilitaram um maior crescimento e intensidade” (COSTA, 2006, p. 13) diante da luta humana pela sobrevivência. Esses fazeres se tornaram produtos culturais.

Historicamente, as pessoas que viviam a margem da sociedade foram consideradas alienadas e não produtores de cultura, logo eram excluídos dos movimentos e dos processos geradores de produtos culturais. Com isso, o termo ‘popular’, acrescido à cultura, reconhece a “perspectiva de poder autônomo, independente e alternativo ao Estado burguês” (COSTA, 2006, p. 20). Por isso, popular é o reconhecimento daquele algo “libertador, revolucionário e portador de conteúdos críticos ou (...) como algo que contribua para a democratização da

cultura” (COSTA, 2006, p. 21). Então, a Feira livre se torna lugar privilegiado da cultura popular. Por ser ambiente distinto da reapropriação deste jeito coletivo de promover o desenvolvimento comunitário.

### **3 O desenvolvimento comunitário a partir da Feira e da Cultura Popular**

Segundo SCHLITTLER, o desenvolvimento comunitário acontece quando há também o desenvolvimento das pessoas, ou seja, desenvolvimento através do “aumento da capacidade de articulação dos atores e organizações dos três setores – privado, público e sociedade civil organizada” (2004, p. 10).

Por isso a promoção do desenvolvimento da feira está intrinsecamente ligada ao fortalecimento dos potenciais locais com a finalidade de ampliar a qualidade de vida e do bem viver dos/as feirantes, moradores/as e visitantes. Ele é gerado pelo esforço conjunto de pessoas e organizações que se sentem parte da feira ou ligados de alguma forma com a comunidade.

Também resulta do sentimento de pertença e apropriação da comunidade, o anseio de melhorar a qualidade da feira, tornando-a um espaço humanizado, um espaço de troca de experiências, um espaço de reencontros e memórias, um espaço onde as manifestações culturais conseguem aglomerar, socializar e valorizar a história de cada pessoa que faz parte deste movimento – a feira. Assim, “é no território que interagimos e construímos redes de relações sociais e políticas que repercutem no desenvolvimento político, econômico e cultural do município/estado/nação” (MELO NETO e MAGALHÃES, 2006, p. 20).

Por isso, o projeto ECO FEIRA IANDÉ quer contribuir para o desenvolvimento comunitário partindo não só da cultura popular para a cidadania e para a solidariedade como, também, para o entendimento do que são as políticas públicas, para que servem e como exercer a mobilização de feirantes e moradores do bairro para cobrança e efetivação das manifestações culturais entre outros direitos na Feira Pública.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, baseando-se nestas afirmações, o Projeto EcoFeira Iandé realizou eventos de abertura, tanto no Centro Cultural Fênix – centro de Mamanguape, quanto na rua na qual funciona a sede do Projeto – bairro do Areial, com a presença de seu Pinto – cirandeiro de renome do município e seu Antônio Merengue – mestre de Cavalinho e Rabeca. Eles despertaram nos participantes a lembrança dos repentistas e vendedores de cordel na feira –

pessoas importantes que saíram ‘da moda’. Esta provocação se concretiza em eventos que terão regularidade no segundo ano do projeto, pois no primeiro haverá o levantamento de pessoas que guardam e conversam a cultura que promove libertação, que é capaz de mobilizar feirantes e moradores, através da realização de oficinas, a fim de convocar o Poder Público, em suas diversas esferas, para que a feira se configure como espaço de convivência, a qual não seja apenas para passagem e compra, mas também lugar de novas aprendizagens, de valorização do que se é e do lugar ao qual pertence, enfim, uma feira pública solidária com feirantes e moradores desalienados, mobilizados e instigados na busca de seus direitos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- COSTA, Francisco Xavier Pereira (et al). Incubação de empreendimento solidário popular: fragmentos teóricos. João Pessoa: Ed Universitária, 2006.
- MELO NETO, João Joaquim e MAGALHÃES, Sandra. Bancos comunitários de desenvolvimento – uma rede sob controle da comunidade. Fortaleza: Instituto Palmas, 2006.
- SCHLITTLER, Célia R. Belizia. Redes de Desenvolvimento Comunitário: iniciativas para a transformação social. Global Editora, 2004.